

**AROLDO FERREIRA LEÃO**

# **A Alquimia do Impreciso**

**1º Edição, 2000**

## **Apoio Cultural**

Talentos Strategic Marketing  
escritório de design

Gráfica Mandacaru

Clube dos Escritores Piracicaba

A Corrinha e Isabela, minhas duas meninas de corações vibrantes;

A tio Idelvan, o melhor coração que já conheci;

A Dona Ilma, minha professora na quarta série primária, que sempre selecionava os melhores presentes para mim após eu responder determinadas perguntas que ela fazia na sala-de-aula;

A Fábio Suíba e Ronald Pé-de-Pato , os dois melhores jogadores que eu vi jogar em toda a minha vida;

A tio Severino, morto em setembro de 1999, que foi o espelho do homem de opiniões e atitudes fortes, mas que possuía um espírito generoso.

**ENDEREÇO DO AUTOR PARA  
CORRESPONDÊNCIA**

Rua Antônio Santana Filho, 560  
Centro  
Petrolina/PE  
56.300-000

Fone: (0\*\*81) 9103 1998  
(0\*\*81) 861 1150

E-mail: leao@uol.com.br

**BIBLIOGRAFIA**

**I. Livros**

- a) *A Trilogia da Dor*, Edição do Autor  
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1995;
- b) *Carta a Tio João Cordeiro*, Edição do Autor  
Gráfica Franciscana, Petrolina/PE, 1996;
- c) *Alfabetizando a Alma*, Edição do Autor  
Gráfica Tribuna do Sertão, Petrolina/PE, 1997
- d) *Presságios*, Edição do Autor  
Gráfica Tribuna do Sertão, Petrolina/PE, 1997;
- e) *Sisuda Acidez*, Clube dos Escritores Piracicaba  
C.N. Editoria, Piracicaba/SP, 1998;
- f) *A Janela do Sótão*, Editora Mandacaru  
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1998;
- g) *Harmonia Dissonante*, Editora Mandacaru  
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1999;
- h) *Impactos Azuis*, Editora Gazzeta  
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1999;
- i) *O Espelho dos Labirintos*, Editora Gazzeta  
Gráfica Mandacaru, Petrolina/ PE, 1999;

## DADOS SOBRE O AUTOR

AROLDO FERREIRA LEÃO, poeta, potiguar, nasceu em Parnamirim/RN a 12 de outubro de 1967. Desde os 15 anos de idade escreve com frequência, já contando com mais de 10.000 poemas escritos, que espera algum dia possam ser avaliados e pesquisados. É formado em Engenharia Elétrica, com ênfase em eletrônica, pela UFRN(Universidade Federal do Rio Grande do Norte) em Natal/RN e também obteve créditos de Mestrado, na UFPB(Universidade Federal da Paraíba) em Campina Grande/PB. Começou a publicar seus primeiros trabalhos no jornalzinho cultural *Vôo Primeiro de Uma Arribação* em Natal/RN na década de 80. Possui nove livros de poesias publicados, respectivamente: *A Trilogia da Dor*, 1995; *Carta a Tio João Cordeiro*, 1996; *Alfabetizando a Alma*, 1997; *Presságios*, 1997; *Sisuda Acidez*, 1998; *A Janela do Sótão*, 1998; *Harmonia Dissonante*, 1999; *Impactos Azuis*, 1999; *O Espelho dos Labirintos*, 1999. Está no prelo seu mais recente trabalho intitulado *Silêncios Atemporais*, livro de crônicas, especificamente contendo 100 textos escritos em diversos jornais e revistas da região Petrolina/Juazeiro, dentre os quais destaca: *Jornal Folha Verde*, *Jornal de Juazeiro*, *Correio do Sertão*(extinto), *Gazzeta Regional*, *Máscaras-Jornal de Artes*, *O Cerveja-Jornal*, *Revista Com Você*, *Art Pop Zine- Revista Cultural*, *Jornal do São Francisco* e *Jornal da Cidade*. Aparece em sete antologias, respectivamente: *Novos Poetas no Rio Grande do Norte*, 1990, livro organizado pela Fundação José Augusto com 43 poetas ganhadores

## DE POETA PARA POETA(I)

Fazer poesia é um exercício espiritual pleno motivado pela inspiração divina. É um dom pessoal e intransferível, uma manifestação do eu interior. Geralmente expressa a busca constante do poeta na sua auto-afirmação. Ela nos transmite de maneira precisa o momento do autor, seus conflitos, amores dissabores, encontros, desencontros. A obra chega a ser um retrato fiel do seu autor. Desde cedo me vi atraído pela poesia e é um prazer constante vivenciá-la no dia-a-dia, quer seja pela simples leitura de um livro, quer seja pelas amizades adquiridas nas nossas pairagens territoriais. E, numa dessas pairagens, nas andanças Brasil afora, tive o grande prazer de desfrutar da amizade de uma dessas pessoas que contagiam a agente pela presença de espírito, determinação e caráter. Trata-se do poeta Aroldo Ferreira Leão. É marca registrada desse poeta uma dedicação e comprometimento fora do comum com sua obra.

*Agliberto Bezerra*  
*Novembro de 1999*

## CARTA DO POETA LUÍS HÉLIO

*“Estou me contradizendo?  
Muito bem, estou me contradizendo.  
(Sou enorme, contendo multidões).*

WALT WHITMAN

Poeta Aroldo,

Muitíssimo obrigado por ter mandado até este teu irmão de sonhos e poesia, um pouco desta tua “alegria dos loucos que brincam com a própria solidão”. Ao chegar ao Sebo fiquei maravilhado de contentamento por receber tua carta. Não sei se sabias, mas foi escrita justamente no dia do meu aniversário(19 de abril). Coincidência? Acho que não!! É que há uma certa luzinha cósmica dentro do teu inquietante espírito “carregado de poesia” e de uma beleza juvenil sem tamanho. E essa luzinha cósmica te lança a um alegre sentimento fraternal que transmite mesmo estando teu corpo e partes da tua alma no norte do continente. É a poesia cruzando os mares agitados das nossas vidas atribuladas e cheias de surpresas doloridas e prazerosas, por isso mesmo(graças a Deus), vida!! Tenho saudades daqueles nossos encontros poéticos em que a poesia nos unia(e une) através de um laço mágico de alegria numa troca profunda de harmonias sensivelmente embriagantes.

## APRESENTAÇÃO

Solto nos meus próprios deslizes, vasculho minha imensidão em paz. Atrelado às contradições de uma alma disposta a estar sempre além de si mesma, energizo-me com a solidão das coisas. Diante das impossibilidades sou um frágil espectador de meus medos e esperanças. No presente trabalho composto de cem sonetos, todos recebendo metrificacão de onze ou doze sílabas, pretendo poder estar contribuindo para o enriquecimento de minha língua, através de determinadas percepções e desencontros que marcaram meu espírito durante a construção dos poemas. Com a união deste livro aos livros *A Janela do Sótão*, meu sexto livro composto de cem sonetos metrificacados de uma a sete sílabas, e *Harmonia Dissonante*, meu sétimo livro composto de cem sonetos metrificacados de oito a dez sílabas, fecho o ciclo de criação dos sonetos em forma italiana(dois quartetos e dois tercetos) metrificacados de uma a doze sílabas. No meu próximo livro de sonetos denominado *O Contexto das Fatalidades* explorarei a forma livre em trezentos poemas também na forma italiana. Daí para frente enveredarei pelas formas inglesa(três quartetos e um dístico) e espanhola(dois tercetos e dois quartetos) dos sonetos tanto metrificacados quanto em forma livre. Para fechar a grande teia de surpresas e indagações de minha alma lançarei sonetos no que eu chamo de forma *Aroldiana* ou brasileira de criação que é composta de dois quintetos e dois dísticos. Como exemplo deste modelo de soneto veja o poema abaixo:

REPARTIRAM-NO(12).....	44
REVELOU-SE(12) .....	45
CHÃOS SUJOS(11) .....	46
SOU AS SOMBRAS(11).....	47
O AMOR HUMANO(12).....	48
ENVOLVIDO(12) .....	49
UM DIA NO CAIXÃO(12).....	50
CANSADO DE EXISTIR(12).....	51
VOZES VINDAS(12) .....	52
SEREMOS O QUÊ?(11).....	53
DOEU-SE(11) .....	54
DEPOIS(12) .....	55
MINHA ALMA(12) .....	56
ESSE GRITO(12) .....	57
NO SILÊNCIO DA CASA(12).....	58
OS DIAS TROPEÇAM(11).....	59
A MORTE ESQUECEU(12).....	60
CONFUSOS PASSOS(12).....	61
É NA SOLIDÃO(11) .....	62
NA LOUCURA(12) .....	63
MINHA DOR(12) .....	64
MERGULHO(12) .....	65
NOS VAZIOS(12) .....	66
FALHO, ATORMENTADO(12).....	67
CONSTATAÇÕES(12) .....	68
A VIDA É INCERTA(11).....	69
PROBÁTICA SOLIDÃO(12).....	70
DESMOTIVADO(12) .....	71
OBSERVA(11) .....	72
NOS VÁCUOS(12) .....	73
EM TI(12) .....	74
É COM BRANDURA(12).....	75
É NAS CORES(11) .....	76
TU SENTES(11) .....	77
TUAS PERDAS(12) .....	78

# A Alquimia do Impreciso

## É NOS ESPELHOS

É nos espelhos que procuramos incertos  
Significados de nós mesmos, aparências  
Que se perdem nas cores das inconseqüências.  
Claridades vêm silêncios e ausências

Cosntruídas ano a ano através dos desertos  
Das almas solitárias, cheias de latências.  
Perambulamos por angústias, inocências  
Retratadas na fugas das malemolências.

A humanidade perde-se nos desacertos  
De suas atitudes sujas. Eloqüências  
Nada dizem, repintam essas divergências

Das situações más. Nascemos dos apertos  
No ser, nas confusões de algumas reluzências  
Que clareiam o lado podre das vivências.

## NÃO ADIANTA

Pra onde correres, não adianta, serás  
Só. O pó dos dias únicos transformará  
Teus vazios, porá na inquietude tua  
As disformes ações aceleradas, cruas.

Tens morrido e nascido sempre como um ás  
Menino triste, unido a dor que te achará  
Movido no caos das coisas. Algo flutua  
Na descrença que te torna sisudas ruas

Desalinhadas nos congestionamentos  
Do ser. Perdeste a ti, nada mais sobrou para  
Contares a história íntima dos movimentos

Sincopados de tudo que te perturbou  
Serenamente. Rostos no ermo são a cara  
Do humano cidadão que a si mesmo podou.

## DE TANTO INSISTIR

De tanto insistir no que acreditava, íntimo  
Dos breus vinculados aos seus infinitos,  
Prendeu-se aos sinais atemporais dos gritos  
Dispersos nos becos onde nasce o limo

De toda verdade. Construiu o clima  
Serenos dos homens instáveis, insólitos  
Ações envolveram-no com as aflitas  
Vontades de alguém cheio da luz que anima

Os ermos das almas mal distribuídas  
Em si mesmas. Foi um espírito de ávidas  
Carências e riscos, viveu destemidas

Fissões dentro de suas entranhas lúdicas,  
Manteve por tudo o alto amor das pacíficas  
Crianças brincando na eternidade, únicas.

## CONSTATAÇÃO

Triste é constatar que somos prisioneiros  
De nós mesmos, que já não passamos de arteiros  
Meninos na incessante busca por verdadeiros  
Caminhos a trilhar. Unidos a agoureiros

Instintos anormais queremos as cadências  
Sucumbidas nos vícios de quaisquer essências,  
Os sobroços insossos das intermitências  
Hostis. Fantasmagóricas impaciências

Brilham nos descampados do ser, magnetizam  
Tolas necessidades que, plenas, deslizam  
Nos abismos. Florais sonhos aromatizam

Expectativas e dores invioláveis,  
Retraem os impulsos desses recicláveis  
Momentos atrelados a vidas instáveis.



## NESTE TÚMULO

Aqui, neste túmulo, jaz o silêncio  
Dos mortos que não se acharam nem na vida  
Nem em nada. Foram a realidade  
Escura dos desejos de complexidade

Gritante, buscaram o incerto vazio  
Dos dias abertos a dor recolhida  
Das células líricas. Na obviedade  
Das coisas reais tem-se a fatalidade

Do instante que nos manteve preso a tácita  
Tristeza das almas mal ressuscitadas.  
A morte conduz a vida por estradas

Que só ela sabe onde vão dar, traz a fita  
De métrica opaca que mede os desgostos  
Vividos num mundo de pálidos rostos.

## ERA

Era a dor nos teus olhos ,sem lágrimas nem  
Soluços, que tornava as coisas disfarçadas  
E te isolava tanto trazendo cansadas  
Atitudes repletas de sonhos além.

Viveste tua vida transformando-te em  
Silenciosos medos presos a paradas  
Sensações que de tão secas, ilimitadas,  
Corroeram-te, pondo-te à mercê de quem

Destruiu-te. Sinais de intuitos e intenções  
Puseram-te em constante reformulação  
Interior, abriram-te para as noções

Concentradas nos íntimos segundos líricos,  
Jogados nas entranhas podres de uma ação  
Alimentada pelos desejos mais tísicos.

## FINAL-DE-TARDE

Nas almas sem final-de-tarde, um pôr-do-sol  
Que eu nunca vi, o amarelo estragado dos olhos  
Abertos para a dor dos instantes. Nos molhos  
Do dia-a-dia há a luz do tempero sem sal

Dos desgostos da vida, a fluência de um mol  
De desejos fundidos à química e aos velhos  
Sentimentos do espírito dos evangelhos  
Escritos segundo as mãos de alguém visceral.

Nos sonhos encontramos os elos perdidos  
De nossas percepções, as alucinações  
Gentis das mentes que recriam sentidos

E circunstâncias num ritmo desencontrado,  
Mas inovador. Nos seres moram porções  
De incoerências. No mundo, o enfado do enfado.

## O MEDO DAS COISAS

O medo das coisas tornou-o sedento,  
Sozinho, sisudo. Sofreu sempre, santo  
Falho e sem noção de nada. No acalanto  
Das horas, chorou. Sentiu-se complemento

Dos restos que o uniram ao contentamento  
Discreto dos rostos nos quais um espanto  
Teimoso constrói a luz de todo pranto.  
Viveu a descrente ação do momento

Doído, doido, alvo de pressentimentos  
Unidos pelo ímpar olhar dos malditos.  
Lutou sem achar adversário, porém

Ergueu em si mesmo os elos rabugentos  
De um ser humano ávido por velhos mitos  
Jogados numa alma impura, velha e jovem.

## HÁ UM VÁCUO

Há um vácuo de tensas despretensões em  
Minha alma, incertezas que tateiam aquém  
Dos fluxos de medo onde somos alguém  
Buscando nas coisas o hálito do além.

Pegadas no chão refletem a destreza  
Dos pés a caminho do ar da sutileza  
Que nos distribui em nossa fortaleza  
Do corpo e do espírito. Em nós a destreza

De alguns movimentos despersonifica  
O instante, traz a gênese da satírica  
Ação infiltrada numa visão lúdica

Do mundo. Morremos na realidade  
Do amor que nos trouxe a sensibilidade  
Dos olhos dispersos em qualquer saudade.

## INSTÁVEIS

Teus instáveis sentidos sabem da amargura  
Escura dessa tua erma figura triste.  
Partiste pra dor de um porto que não existe  
Mais, insististe na perfeição, na lisura

Das ações, porém tudo condicionou-te  
Aos limites reais das coisas existentes  
Nos delírios totais. São velhas, decadentes,  
As constatações que te movem, isolou-te

O mundo de uma forma injustamente dura.  
Nascestes dos desejos podres, dos caminhos  
Que se desfazem no tempo pela futura

Sensação estragada pelos iludidos  
Indivíduos de vãos corações sem carinhos,  
Presos às fugas dos seres dispersos, tímidos.

## CRIOU-SE

Criou-se nele uma angústia sem fim, algo  
Calado como o olhar de um louco fidalgo  
Vestido de apáticos desejos turvos.  
Andou por caminhos inumanos, curvos,

Tornou-se andarilho por uma doente  
Opção terapêutica. Sentiu, urgente,  
O peso fatídico das contundências,  
A essência dos elos e das aparências.

Fechou-se para a vida, doeu-se muito.  
OuvIU a canção hermética do intuito  
Ausente, o distúrbio do grito isolado

Por outros confusos gritos taciturnos.  
Voou além de seus desejos, noturnos  
Cansaços uniram-no a qualquer enfado.

## CONFLITOS CONTÍNUOS

Conflitos contínuos repartiram-no, átomo  
Por átomo. Acharam-no errante, vazio.  
Nocivos sinais de um ser fora do prumo  
Bailavam no espírito da dor sem rumo.

Atritos inócuos juntaram-no, gomo  
A gomo, através do distante delírio  
Das mentes unidas pelo ácido sumo  
De cítricas frutas virtuais. O fumo

Do tempo espalhou-o nas perplexidades  
Numa sensitiva fumaça de ingênuos  
Desejos eternos. Cortado por árduos

Intuitos dolosos, fez-se obscuridades  
Diversas, achou em si antigos recuos  
No ser, animais presos a fogos-fátuos.

## FICOU MALUCO

Ficou maluco e só sabia viver  
Bem longe dos outros. A misantropia  
Em sua alma era alta, fundia-o à via  
Escura dos passos soltos na alquimia

Precisa dos tensos deslizes num ser  
De sentidos vazios. Procurava o dia  
De algum calendário de monotonia  
Numérica, as horas em que se perdia

Buscando enxergar imprecisos momentos  
Regidos por lúdicas constatações  
Suaves. Sentiu na alma as assombrações

Aladas dos homens de ermos pensamentos  
Mantidos nas mentes fundamentalmente  
Dispostas a amarem a luz da alma ausente.

## NÃO FIQUEI

Não fiquei, voei. A lei que me prende a mim  
Mesmo me desconhece, tece em minha ação  
O senão malsão que entonetece a sequidão  
Dos meus conflitos soltos na razão sem fim

Das agonias que castigam meu ser só.  
Confunde-me tudo, algo me funde aos limites,  
Redefine-me na dor louca das artrites  
Que dividem o espírito naquele dó

Vivo desses vazios sempre preenchidos  
De angústia e tédio. Tenso, sobrevivo preso  
A obviedade do louco sempre indefeso

Buscando nos instantes ecos diluídos  
Na sonoridade íntima dos instrumentos  
Tocados com as mãos dos pensamentos.

## SOMBRAS

Sombras dos meus disfarces clareiam o rosto  
De minhas sensações, reencontram o encosto  
Sinistro dos senões casuais. Repartido  
E vulnerável, sigo, desenvolvido,

Procurando momentos onde a eternidade  
Baila insegura do tempo que a liga à idade  
Cronológica das vidas que não pertencem  
A esse mundo. Indivíduos como eu desconhecem

O teor dos assuntos que versam sobre ávidos  
Conhecimentos sem verdade, mistificam  
O lado sensitivo das criaturas

Abertas à beleza dos estarecidos  
Olhares incolores. As coisas que ficam  
Em nós tendem a nos recriar nas ternuras.

## LADO NEGRO

No lado negro da vida redescobrimos  
Nossos fantasmas mais vivos do que nunca, únicos,  
Transitando por certos caminhos fluídicos  
Em nós mesmos, figuras de degredos íntimos.

O tempo escurece alvos sentimentos ínfimos,  
Traz a desesperança polida nos cíclicos  
Pesares com os quais nos defrontamos, líricos  
E tristes, para sempre. No mundo parimos

Inúmeros desgostos, sentimos a gênese  
Das loucuras que nos abraçam numa síntese  
De pensamentos tortos, mortos pela antítese

Da palavra amor. Somos um amontoado  
De desejos unidos, à toa, ao enfado  
Do fado ouvido com pressa e descompassado.

## ASSIM É A VIDA

Assim é a vida: Nítida escuridão que olha  
Nossa incoerência, uma sujeira precisa  
Contaminando fétidos humanos, brisa  
Soprando longe de toda bondade, folha

Em branco na qual vamos escrevendo inúteis  
Palavras de amor. Vastos sinais de ilusão  
Em nós impacientam qualquer solidão  
Que nos condiciona a sentirmos as dúteis

Convicções dos espíritos desmiolados  
Por natureza. Estamos nos rumos ilhados  
Pelas melancolias das faces contentes,

Nas desuniões que abraçam os imprudentes  
Sorrisos deslocados por certos instantes  
Onde as coisas flutuam nas dores errantes.

## O ESCURO DAS COISAS

O escuro das coisas clareia os sentidos  
Da dor, reconstrói os alicerces do ermo,  
Põe em nossas almas visões secas, tímidos  
Instantes unidos ao segredo enfermo

Que habita essas coisas sozinhas, vítimas  
Dos sóbrios desejos desarticulados  
Por tons de agonia no ser. Somos lágrimas  
Em faces dispersas nos elos alados

Da aflita emoção fragmentada demais,  
Polida nas turvas consciências lúdicas  
Das mentes unidas a aqueles sinais

De vida nos largos ecos infinitos  
Do espírito pleno de efusões e mímicas,  
Assombros no circo dos medos malditos.

## INCONHOS

Nós somos animais inconhos. Elementos  
Pegados a remotas angústias que nem  
Sabemos de onde vêm, cicatrizes doídas  
Unindo-nos às nossas decadentes falhas.

O medo repartiu-nos em isolamentos  
Cada vez mais afônicos, secos, porém  
Molhados pelas lágrimas desconhecidas  
Das faces de existência como a das migalhas.

Nos disfarces de nossos rostos têm-se máscaras  
As mais diversas, tons que agrupam pensamentos  
Falsos e distribuem na vida tormentos

Desgastantes. O que hoje aborrece são claras  
Percepções de dor que nos mantêm corroídos  
Pelas dúvidas dos corações sujos, límpidos.

## CANSADO

Cansado das quimeras, isolou-se nos  
Outros, conheceu a força dos sonhos nus,  
Despojados, viveu a vileza dos nós  
Do mundo comendo o silêncio de uma noz,

Ilhada, posta na mesa, na sala dos  
Prantos de cada um, na visão de altos hindus  
Repartindo a comida do universo em dós  
Compactos. A vida é um mistério que traduz

As essências de todos os atos avaros,  
Rarefeitas noções em alguns cururus  
Cantando os carnavais da ilusão vil, feroz,

De quaisquer sentimentos fragmentados, secos,  
Fragilmente erguidos nesses urucus  
De sabor desigual ao cheiro de um cuscuz.



## AQUELA VOZ

Aquela voz perdeu o tom, desafinou-se  
Interiormente. Úmida e silenciosa,  
Trafegou por caminhos sujos, deformou-se  
Integralmente. Nova e velha, generosa,

Dissolveu-se nas lápides da escuridão  
Através de ecos mortos, desaparecidos  
No tempo como os ventos de toda ilusão.  
Nela se ouvia certos desgostos paridos

Nas insatisfações da vida, se entendia  
O porquê desses medos meio turbulentos.  
Outras vozes sempre a modificaram num

Despropósito cínico que a deixou fria,  
Sem esperanças. O mundo e seus excrementos  
Aterraram-na nos solos sem saís nenhum.

## POR SER

Por ser tão só, viu-se irmão dos infinitos,  
Refez vitais sonhos em secos conflitos  
Unidos às dores dos mundos aflitos.  
Juntou ao seu lado altos ecos dos gritos

Perdidos nas vozes sorrateiras, ditos  
De alguém entrevado diante dos mitos  
De si mesmo. Roto, vestindo bonitos  
Trajes de tristeza na alma, fez-se ritos

Diversos, canções desesperadas, hálitos  
Sujos vindos de uma boca em cujos éditos  
Se vêem as ordens que permeiam hábitos,

Defeitos e medos de roubos restritos  
À vida, essa rude senhora de tácitos  
Degredos colhidos nos sons esquisitos.

## EXILADO

Exilado em si mesmo, perdeu-se, tornou-se  
Amargo, desgastado. Fluiu, estagnado,  
Pelos sonhos dos homens de enormes tormentos  
Infiltrados em suas almas, elementos

Que o machucaram muito. Vão, contaminou-se  
Com a lucidez das mentes tontas. Errado  
Ou certo, diluiu-se nos isolamentos,  
Investigou-se tenso e silente. Momentos

Abriram-no para as visões contaminadas  
Pela realidade visceral dos seres  
Desencontrados na vida, aprisionadas

Sensações soltas nos espaços dissonantes  
Dos sons sem ecos. Lúcidos afazeres  
Poéticos trouxeram-lhe luzes distantes.

## A VIDA

A vida implodiu-o, deixou-o ao acaso,  
Tornou-o menino inquieto, perplexo  
Diante dos próprios medos, um amplexo  
De braços do além. Confuso, quis o raso

Olhar dos espíritos desencontrados,  
Os passos dos pés sem sapatos por trilhas  
Caladas, estreitas. Confundi-se em milhas  
E milhas andadas, caminhos molhados

Com lágrimas lúcidas, vales abertos  
As suas peripécias espirituais.  
Sentiu-se estrangeiro em si mesmo, portais

Se abriram para os seus anseios incertos.  
O mundo matou-o, destruiu-o com  
A essência coesa de uma voz sem tom.

## PÉ ANTE PÉ

Pé ante pé, ele invadiu o silêncio concreto  
De seus frágeis instintos, juntou-se ao deserto  
Desesperado dos impactos desiguais  
Da vida. Difundiu em si transcendentais

Impaciências nítidas, viveu sem teto  
Espiritual. Como que temendo o aperto  
Sideral dos malucos presos ao cais  
Dos lagos inaquáticos, viu-se nos ais

Das figuras sonâmbulas, compreendeu  
A dor do olhar distante, reconheceu,  
Sem demora, os soluços de quem sorveu,

Confusamente, o cheiro desestruturado  
Das pétalas das flores num éden alado  
De aromas claros, soltos na luz de um enfado.

## TOCASTE

Tocaste na face erma desses labirintos  
Que sobrevivem em ti através dos instintos  
Desregulados dos seres reconstruídos  
Ao acaso, moldados nos tensos rugidos

Dos minotauros mais sós que a ação de Teseu  
Desenrolando os velhos novelos de seu  
Coração abismado com as sensações  
Dos encontros terríveis, incertas canções

De dor e medo sem fim nem começo. Quem  
Pode buscar-se nos resquícios das angústias  
Sorradeiras, precisas como a voz do Rei

Minos orientando as almas que detêm  
Em si mesmas a força das dores inglórias  
Para as conquistas vívidas, sem qualquer lei?!

## PRA TODO O SEMPRE E SEMPRE

Sofreu pra todo o sempre e sempre, amém. Não  
Sabia rezar pela cartilha prática  
Dos seres alegres e na contramão  
Das coisas seguia. Viu-se na dinâmica

Calada dos loucos abertos a mortos  
Intentos estranhos a dor das quimeras.  
Foi um triste asceta que, no cais dos portos  
Vazios de ventos, poliu primaveras,

Otonos, verões e invernos com tal  
Amor que nasceu nele a desconstrução.  
Bailou nas cantigas de ninar que mal

Trazia na fútil memória de alguém  
Disperso nas vozes da desilusão,  
Brilhou nos escuros, encontrou-se além.

## CALOU-SE1

Calou-se diante do desassossego  
De sua alma, quis, só, contabilizar  
As dúvidas claras de quem a sonhar  
Ficou e não viu a força de seu ego.

Sentiu-se pedante, um paciente cego  
Cantando a dor negra de qualquer lugar,  
O medo do escuro que para brilhar  
Precisa da angústia de todo escorrego

Na lama do mundo, sempre injusto e incerto.  
Mostrou-se distante de tudo, sincero  
Menino de olhar difuso, caminhante

Cansado de estar no vazio do aperto  
De mãos esquecidas da saudade, mero  
Conflito reinante num corpo pulsante.

## PROFUNDIDADES

Profundidades que não têm fim dividiram-no  
Em partes desgastadas pela contramão  
Dos tons abissais da vida, reproduziram-no  
Nos buracos mais fundos como alguém irmão

Dos precipícios e das investigações.  
No aroma dos penhascos baila a solidão  
Das flores esquecidas pelas sensações  
Dos olhares estáticos ante a visão

Aberta das montanhas onde as pedras vão  
Se sedimentando à mercê dos movimentos  
Dos ventos diluídos nos entroncamentos

Ìngremes das estradas nos despenhadeiros.  
Nas cordilheiras temos os sons derradeiros  
Do canto de um condor que voa na amplidão.

## ESTAMOS PERDIDOS

Estamos perdidos em nossos destinos,  
Nós-cegos difíceis de desatar, sinas  
Doídas demais. Algo nos prende aos tinos  
Das mentes ligadas às dores cretinas,

Nos deixa parados nos silêncios finos  
Dos sons decadentes. Há em nós cristalinas  
Ruínas erguidas ao longo de albinos  
Caminhos de sombras escuras, colinas

Abertas aos rumos incertos, felinos.  
Andamos por vias mundanas, piscinas  
Com águas escassas de amor, torvelinos

Momentos em que sentimos as narinas  
Do tempo cheirarem as noções dos hinos  
Cantados com a força das concertinas.

## RELÓGIOS

Relógios parados pelo tempo têm  
Os tic-tacs estranhos, marcam os minutos  
Das vidas perdidas, vivem impolutos  
Desejos manchados com irresolutos

Sentidos doídos. Em nossa era nem  
Aquém nem além de nada há certos lutos  
Que nos deixam à mercê dos sons astutos,  
Agouros mantidos nos seres de brutos

Silêncios confusos. Horas divagantes  
Constroem pacíficos elos distantes,  
Momentos que tornam nossa solidão

Um mero ir e vir de ponteiros errantes.  
Nas coisas buscamos essências brilhantes,  
Cores ajustadas aos sons da ilusão.

## REVELOU-SE

Revelou-se cansado diante das próprias  
Conquistas, instigado a procurar, nas dúvidas  
De uma alma amiga dos vazios, as histórias  
Das vidas retratadas em ensandecidas

Percepções quase sempre pré-estabelecidas.  
Situou-se nas margens das lagoas frias,  
Nadou nos ventos da percepção em inválidas  
Braçadas fugidias, morreu de apatias.

Reviveu cantando os sambas de Noel Rosa  
E Néelson Cavaquinho, aprendeu que é na dor  
Que o espírito ressurgente inteiro como o amor

Das crianças. Relendo Soares Feitosa  
Compreendeu o lado sutil dos destinos  
Ternos por natureza, a luz dos alevinos.

## DISTRIBUO-ME

Distribuo-me nos espaços reciclados  
Pelos ocasos das dúvidas construídas  
Sob a tensão das almas desgastadas, tímidas.  
Perco-me nas ações dos sonhos burilados

Nas mentes receptivas aos abraços dados  
Pelos braços do tempo, este senhor de despidas  
Mãos acenando sempre para as conhecidas  
Solidões de nós mesmos. Estou nesses lados

Convexos e complexos anexos às dores  
De alguns seres perplexos com certos temores  
Que os afligem de um modo contínuo, rumores

Da escuridão daqueles momentos vazios,  
Sem perspectivas. Sinto-me nos assobios  
Dos lábios que se tocam com a paz dos ócios.

## SOU AS SOMBRAS

Sou as sombras dessas figuras escuras,  
Texturas doentes que me envolvem, puras  
E fúteis. Em mim desfilam amarguras,  
Ternuras, visões de uma vida com duras

Ilusões jogadas no caos das usuras.  
Busco as percepções que me tornam fissuras  
Diversas, branduras cujas estaturas  
São sempre elevadas. Vãs miniaturas

De meus medos, em cinco por sete, alvuras  
De alguém num retrato de loucas posturas,  
Possuem os ímpetos das partituras

Tocadas por músicos de mãos seguras.  
Nas ondas do mar, vejo as desestruturas  
De pedras bebendo a água e o sal como agruras.

## DESERTO

Um deserto de areia movediça em tua  
Alma habita, conduz teu ser para os instantes  
Em que as coisas flutuam nos tonitruantes  
Ecos ouvidos pelos sentidos distantes

Do ser. Corres por ruas onde a luz inócua  
Dos sentimentos puros reflete os errantes  
Movimentos das placas, sempre trepidantes,  
Sinalizando em vão. Há caminhos, vazantes

Nas estradas do nada, que te levam, torto  
De megalomanias, pelas incertezas  
Do mundo. És alvo de um eterno desconforto

Espiritual que chega desagregando  
As fraternas moléculas das sutilezas  
Que envolvem universos que estão se moldando.

## ENVOLVIDO

Envolvido com suas próprias paranóias,  
Adormeceu no caos das coisas em estado  
De decomposição espiritual. Atado  
Aos medos de si mesmo, viu-se amargurado,

Homem equivocado, inseguro, com jóias  
No pensamento, idéias que o uniam ao lado  
Enfadado do mundo. Desassociado  
Interiormente, alvo do escuro minado

De seus dias, sorveu o perfume do acaso  
Num movimento rápido, sem fundamento.  
Refez-se muitas vezes, compreendeu, morto,

Os fantasmas que lhe rodeavam no ocaso  
Dos destinos sozinhos pra sempre. Sedento  
E plural, conheceu a dor do desconforto.



## TUAS PERDAS

Tuas perdas chegaram cedo, devoraram  
A nobreza dos teus sentidos, te repartiram  
Em inúmeras partes onde o desgosto era  
O núcleo da agonia de uma primavera

Triste, sem esperanças de verão. Murcharam  
As flores do jardim em que os homens se uniram  
Para bailar no aroma de qualquer espera  
Feita de amor e riscos. Somos a quimera

Reduzida aos impactos das fustigações  
Surpreendentes, elos juntando porções  
De desmotivações às sinas amparadas

Pelas divisões de si mesmas. Rarefeitos  
Intentos reproduzem tormentos aceitos  
No espírito de um jeito oco, em fugas erradas.

## CANSADO DE EXISTIR

Cansado de existir, viu-se como triângulos  
Escalenos de incertos lados, foscos ângulos  
Que somados não deram cento e oitenta graus  
Exigidos por leis desalmadas, degraus

Que o levaram ao topo do desconhecido.  
Desprotegido, vítima de um inconstante  
Desejo alimentado pelo medo, pérfido  
Segredo corroído num ato polido

Nas engrenagens da vida, fez-se coágulos  
Diversos, são fragmentos desolados, régulos  
De um país decadente. Alvo impuro dos maus

Pensamentos, viveu a angústia dessas naus  
Que não têm porto para chegar e num vívido  
Navegar acham as águas de um mar perdido.

## É NAS CORES

É nas cores que vemos a claridade  
Das coisas, o lado sereno do instinto  
De todo arco-íris. No tom da verdade  
Se esconde a mentira do rosto distinto,

O confuso quadro dessas desventuras  
Que pálidos seres carregam no fundo  
De seus corpos sujos. Nas desconjunturas  
Futuras dos medos temos o profundo

Intento que a si, digamos, descobriu.  
Espelhos refletem nossas incertezas,  
Nos dão a certeza que somos ninguém.

Há na natureza a força de quem riu  
Um dia para as próprias dores, destrezas  
No ar dos olhos e deslizes de um ser zen.

## SEREMOS O QUÊ?

Seremos o que meu Deus? Depois de tanta  
Ferida, visões tão sós querendo amor,  
A dor vem chegando trazendo torpor.  
Soluços demais num corpo que se espanta

Com a própria falta de luz em si. É por  
Aqui, não é por aqui, que o dissabor  
Virá quando menos esperares. Quanta  
Sujeira em ti, sonhos numa noite santa

De vãos pesadelos pintados na manta  
Dos mortos que te envolve com o furor  
Das vidas sujeitas ao vício maior

De alguns temporais. Ninguém conhece a cor  
Dos olhos das almas tristes. Quem me encanta  
É a tez elevada da face de uma anta.

## EM TI

Em ti a vida constrói interrogações tolas,  
Estiola as razões e depois desconsola.  
Rola sobre teu ser o peso dessa mola  
Que assola os nervos das mentes presas às floras

De si mesmas. Controlas o ermo das escolas  
Que ensinam seus alunos a viver na bola  
Terrestre com amor, determinação. Cola  
Em teus sentidos uma luz opaca, toras

De madeiras antigas nas quais sem agora,  
Antes ou depois, se fundem às portinholas  
Que se abrem ao som límpido das castanholas.

Um passo visceral que deste revigora  
A sensibilidade de tuas esmolas  
Raquíticas, pesadas glórias meio frívolas.

## DEPOIS

Depois das grandes quedas resta apenas tu,  
Vil, mero espectador dos vazios sombrios,  
Defasada hora que não vai nem vem, tatu  
Escondido nos solos submersos em rios

Sem mar para seguirem. È na dor dos seres  
Desencaixados nos prumos da vida torta,  
Porta para os mistérios do mundo, que haveres  
E deveres nos rondam, sós, como uma morta

Circunstância de cujo reflexo se vê o elo  
Dos dias atuais. Cósmicas sensações  
Disfarçadas de nada constroem o apelo

Por um mundo melhor, contêm as percepções  
Sinceras dessas almas dispostas a estarem  
Em tudo ao mesmo tempo e se estabilizarem.

## OBSERVA

Observa nas coisas os segredos que elas  
Contêm, sente, logo, a presença compacta  
Da angústia rondando tua dor intacta  
De sopros amigos. És velhas procelas

Nos mares da alma, ávidos pesadelos  
Nas noites em que tens no espírito um pacto  
De amor com a vida. Carrega o cacto  
Dos mundos mais secos como modelos

Das fortes visões soltas nesses eólicos  
Caminhos jogados nos sertões escuros  
Dos homens. Mantém teus olhos afastados

Do círculo morto dos laços fatídicos  
De toda ação que te conduz por futuros  
Onde a dor congrega tormentos ilhados.

## ESSE GRITO

Esse grito que não chega a lugar nenhum,  
Essa dor destruindo sentimentos póstumos.  
Teu isolamento é inútil, fere o ar dos rumos,  
Bloqueia qualquer ávida percepção num

Receio introspectivo. Vives a doença  
Viral dos ressentidos pela solidão  
Das coisas, o lirismo da desunião  
Que atrapalha visões e ações numa sentença

Fundida ao caos sublime das contradições  
Que carregamos dentro de nós como incertos  
Suspiros cheios de casuais desacertos.

Temos uma ferida na alma, alvo de ilusões  
Atiradas à toa pelos contra-sensos  
Dos seres dissolvidos em seus passos tensos.

## PROBÁTICA SOLIDÃO

À noite, ele dormia com sua probática  
Solidão. Acordava, sisudo, na estática  
Performance dos fúteis, queria a fantástica  
Comunicação que o levaria a enigmática

Solução dos problemas nos seres confusos  
Com os dilemas de um mundo em que parafusos  
Giram fora de seus lugares nos intrusos  
Sistemas dessas vidas soltas nos desusos.

Pela manhã, sentia maneiras pacíficas  
De ser feliz, buscava profundas essências  
Que o conduzissem às intuições suaves

Das coisas. Entretanto, nocivos entraves  
Atrapalharam-no. Óbvias fortes turbulências  
Mexeram com seus sonhos em doenças lúdicas.

## OS DIAS TROPEÇAM

Os dias tropeçam nas horas que não  
Existem, sucumbem ante os fatalismos  
Da frágil canção ecoando em abismos  
Doídos, totais. Instantes têm o vão

Acaso das almas roídas por traços  
De mortas tristezas nelas mesmas, ácidos  
Surgidos no sal das contingências, sólidos  
Encontros com a dor real dos mormaços.

A vida redescobre sujeiras em nós,  
Antigas como os relógios-de-bolso, ocos  
Ponteiros que apontam para alguns sufocos

De nossas fusões com as fugas após  
O humor ruminante de ínvios pesadelos  
Obtidos nas lógicas sem quaisquer elos.

## CONSTATAÇÕES

Constatações adversas, imersas em pressas  
Inúteis, criam medos intensos, conversas  
Que se diluem nas bocas como promessas  
De políticos. Riscos contêm as dispersas

Forças dos corações dissolvidos nos toques  
Acelerados do nosso tempo. Viver  
Dissemina no espírito posições choques  
Sorumbáticos, traz o enigma do querer

Ser tudo ao mesmo tempo e de todas as formas.  
Desequilíbrios na mente edificam normas  
Instáveis nas visões que se perdem, atônitas,

Nas destrambelhações do mundo. São aflitas  
As situações em que náuseas vão, insólitas,  
Trafegando por nossas vidas infinitas.

## CONFUSOS PASSOS

Confusos passos na escuridão desigual  
Da vida têm a dor cíclica, visceral,  
Das tempestades nos seres de casuais  
Dissimulações soltas em tons irreais

Pelas incoerências de si mesmos. Mal  
Situados com nossas falhas é normal  
Que sejamos confusos, nocivos sinais  
De desamparo nos prendem aos teatrais

Momentos onde somos frágeis animais  
Testemunhando, trôpegos, fenomenais  
Intenções consumidas num gesto plural.

Ainda não nascemos para o sublime, ais  
Nos sufocam, as coisas aportam no caos  
Desconhecido do desejo mais banal.

## NOS VAZIOS

Nos vazios plantou e colheu suas dúvidas,  
Permaneceu ligado aos senões das antigas  
Opiniões dispersas nos ecos das cólicas,  
Vindas nas horas em que há sensações cilíndricas

Em nossos intestinos movidos por místicas  
Agregações sofríveis. Porções de fluídicas  
Circunstâncias retocam incertas barrigas  
Alimentadas pelas reações das lúcidas

Pessoas sob regime de intensas fadigas  
Espirituais. No sabor das frutas ácidas  
Habita o teor das gripes desenvolvidas

Em estágios molhados com as inimigas  
Auroras das manhãs que nunca viram vidas  
Contaminadas por vírus de formas plácidas.

## NA LOUCURA

Na loucura de ser gente, ele conheceu  
Suas mesmices, a luz sem brilho do lado  
Opaco de seus rápidos anseios. Dado  
A questionamentos, se desentendeu

Muito, compreendeu a dor do desgastado  
Coração a bater inútil. Sentiu no eu  
Dessas realidades doentes, o breu  
Dos sentimentos ralos como qualquer fado

Mal interpretado. Ócios o modificaram  
Tanto que os pensamentos fluíam dispersos  
Nas dissimulações. Nos são universos,

Integrados por altos sonhos, temos versos  
Cantarolados com o amor dos sons imersos  
Em ouvidos sutis, que nunca se fecharam.

## MINHA DOR

Minha dor que não tem fim me destrói serena,  
Altiava. Sabe de minhas perdas, desloca-me  
Para as ausências, ronda-me incerta, sufoca-me,  
Comprime-me, depois dilata-me, falena

Que jamais aprendeu a voar numa amena  
Situação Alegre. Entontece-me, toca-me  
Com as mãos dos destinos secos, mortos, soca-me  
De encontro às tempestades, choca-me, pequena

Ou grande, destruindo espaços no ser. Foca-me  
Com a luz do infinito olhar tolo na arena  
Dos conflitos que me vêm sempre. Mais morena

Que clara, escurece as vidas e os sons. Pipoca-me  
Por dentro, desagrega-me numa ímpia cena  
De pavor, desacerta-me, ouve-me sem pena.

## MERGULHO

Mergulhou fundo em tudo, nada descobriu.  
Correu, cansou, correu de novo, se sentiu  
Traído pelas coisas, atraído por  
Seus próprios descaminhos. Sozinho, reviu

As etapas das vidas modestas, previu  
Os acasos de si mesmo, não repartiu  
Suas tristezas com ninguém. Como um condor  
Sobrevoou a dor das almas, perseguiu

A eternidade com a força dos meninos  
Justos, silenciosos. Enormes montanhas  
Viram-no possuído de nobres entranhas,

Sutilezas do estômago em sentidos traquinos,  
Recolocando o espírito sobre pilares  
De altura compatível com a luz dos ares.



## É NA SOLIDÃO

É na solidão que descobres quem és:  
A força dos loucos, a cor estrambótica  
Dos homens roídos por dentro. Aos pés  
Da dor conversaste com fantasmas de ótica

Obscura, teu tédio renasceu florido  
De pólen colhidos em jardins de gramas  
Serenas, molhadas pelo orvalho tímido  
Das frias manhãs solitárias, escamas

De peixes nadando em rio inexistente.  
Tens no ser a fuga íntima do silente  
Espírito que se busca numa crente

Vontade parida nas barrigas mortas  
De puras noções, desusadas comportas  
Que não se abrem mais, feias, duras, tortas.

## FALHO, ATORMENTADO

A vida te descobre falho, atormentado.  
Nela procuras por ti mesmo, desatado  
Menino a correr pelo vale montanhoso  
Do teus desordenados desejos. Suado

De percorrer caminhos óbvios, reciclado  
Nas circunstâncias que não deram certo, atado  
Aos desafios eternos, tens um engenhoso  
Sentido burilando o conflito cansado

De tua existência. És soluços perfilados  
Na dor dos sentimentos estabelecidos  
Sob a luz tensa dos candeeiros pintados

De negro. Queres, logo, o âmago dos estados  
Mais ternos, o corte úmido de alguns polidos  
Pensamentos confusos, mas fundamentados.

## A MORTE ESQUECEU

A morte esqueceu de morrer para roubar  
Nossa própria vida e, turva, compactuar  
Com os silêncios de nossas almas. No mar  
Dos medos de cada um, ela sempre traz o ar

Fantasmagórico do instante sem paz, luar  
Em cujo brilho se reflete um singular  
Desgosto colorido de tristeza. Amar  
Os infinitos tem um sabor angular

Que se agrega ao cansaço e nos faz retornar  
Para os espaços de onde saímos, pular  
As cercas do impossível, sempre acreditar

Na eternidade que nos habita, pulsar  
Buscando âmagos, mundos que vêm nos juntar  
Aos consolos vitais de alguém rudimentar.

## A VIDA É INCERTA

A vida é incerta, ínfimo silencioso  
Grito ávido por encontros temperados  
Em sujas panelas de barro, vazias  
De tudo. Fluímos nas monotonias,

Não há nada puro em nosso ser choroso.  
Nascemos dos medos condicionados  
Às fugas capazes de trazer discórdias  
Gritantes para as almas visionárias.

Perdemos os elos que um dia puseram  
No tempo as certezas amigas. Morreram  
Em nós o amor e a paz, desapareceram

A luz e o sossego dos olhares dignos  
De ver a beleza do mundo. Quão malignos  
Seremos num torto futuro sem signos.

## NO SILÊNCIO DA CASA

No silêncio da casa, ele anda de lá para  
Cá, coxo, rebuscando-se, envolvendo-se em  
Constatações fatídicas. Cansa-se, sem  
Saber o porquê, vê-se na agonia rara

Dos particularmente ocos, desencantados  
Com a realidade humana. Percebe, íntimo  
Dos desgostos, silêncios e medos, um ínfimo  
Tom de misericórdia nos seus fatigados

Intuitos deslocados nas coisas. Flui, único  
De recordações, na frieza da cerâmica,  
Ao lado dos fantasmas dessa sua lúdica

Vida desalinhada, porção de um estrábico  
Sentido quase sempre cheio de surpresas,  
Vícios atormentados por dores acesas.

## DESMOTIVADO

Desmotivado para a vida, corroe-se  
Visceralmente. Viu-se louco, conheceu-se  
Nas ruínas dos passos perdidos, tornou-se  
Desconhecido do mundo. Rearrumou-se

Nas contingências, mas, rés, se isolou demais.  
Lágrimas procuraram-no nas colossais  
Irritações de um ser extremamente dócil,  
Menino arquitetando em si o lado sutil

Das convicções amenas. Instabilidades  
Deformaram-no, certas intranqüilidades  
Passearam atônitas nas claridades

De seus muitos fantasmas. Gritou e jamais  
O ouviram, padeceu na solidão do cais  
Que só existe para ele, germe dos quintais.

## MINHA ALMA

Dorme inquieta minha alma na noite escura,  
Busca incertos silêncios mambembes, doçuras  
Infiltradas nas dores capengas das duras  
Criaturas sozinhas, presas à estrutura

Fatalista de alguns desejos vis. Na usura  
Dos descaminhos, segue nessas conjunturas  
Irreais abraçando decepções, futuras  
Partituras em cujas leituras há a impura

Sensação corroída dos sons falsos. Cura  
A si mesma num gesto que pinta a figura  
Insegura, calada, morta nas posturas

Tímidas das mãos soltas no mundo que apura  
Os sentidos nos rumos da vida madura,  
Cintura de um corpo oco de idéias e alvuras.

## NOS VÁCUOS

Nos vácuos codificam-se os sinais de dores  
Antigas, vãs cantigas soltas nos pendores  
Das vozes inimigas do impuro. Fulgores  
Contaminados de assombrações e estertores

Poluem os instintos dos conquistadores  
Em mares esquecidos de altos sonhadores.  
Nas essências salgadas da vida há os olores  
Dos silêncios rasteiros, doces como amores

Unidos por suaves intenções. Rumores  
No universo dos homens podres têm valores  
Fugidios, noções vexatórias, sensores

Que atacam seus pretensos intuitos de cores  
Não visíveis. Nos muitos fundos dissabores  
Que enfrentamos no tempo habitam nossas flores.

## DOEU-SE

Doeu-se consigo mesmo, duvidou-se.  
Em ríspido olhar morto, desregulou-se,  
Reviu as angústias das almas paradas  
No tempo, sorveu, sonâmbulo, aladas

Canções retratadas por acordes súbitos  
De alguns instrumentos de sons sempre aflitos.  
Manteve-se só, procurando os contrastes  
Dos medos ligados aos rudes desgastes

Das mentes obscuras. Uniu-se às verdades  
Que não tranquilizam, achou-se nas módicas  
Paisagens dos vales de capins de idades

Antigas, dispersos por trilhas prontas  
Nos sonhos abertos para essas utópicas  
Tensões carregadas de indecisões tontas.

## É COM BRANDURA

É com brandura que te olho, nesse desfecho  
Sonâmbulo de falsos senões desalmados,  
Compassos regulados pelos tons alados  
Das mesmices do mundo. Indivíduos cansados

De serem quem são têm a luz de um apetrecho  
Na alma, a amargura lúcida dos enfadados  
Olhares estorvados por laços colados  
Ao silêncio dos passos em dilacerados

Tormentos agourentos. Sinto em mim sinais  
De mistérios bailando em minhas desavenças  
Interiores, tímidas inconseqüências

Particularizando-me nos irrealis  
Momentos vinculados às tensas doenças  
Que redescobrem lástimas e impaciências.

## VOZES VINDAS

Vozes vindas não se sabe de onde me escolhem  
Como ouvinte, procuram ver-me em paz, me acolhem  
Com o afeto das mãos que se doam coesas  
A liberdade das coisas. É nas sutilezas

Que percebemos os ecos das incertezas  
Vivas de pureza, órfãs de algumas obesas  
Ilusões anormais. Dores em nós recolhem  
Os restos imortais dos nossos sonhos, colhem

Os frutos dessas árvores de caules frágeis  
E raízes que não se ramificam. Ágeis  
São os seres ativos em seus retratáveis

Silêncios, soltos nos espaços escondidos  
Das estruturas sólidas de medos. Tímidos  
Olhos têm a visão dos toques comovidos.

## TU SENTES

Tu sentes no espírito fluentes pentes  
Passando em dementes vai-e-vens por rentes  
Cabelos grisalhos, doentes, ausentes  
De todas aquelas cabeças conscientes

De suas torrentes de idéias silentes.  
Potentes conceitos decadentes, dentes  
Que doem sisudos, erguem consistentes  
Paredes vitais nos cérebros urgentes.

Tens lentes que aumentam tuas influentes  
Noções sobre as mentes mais inteligentes,  
Contentes acessos aos elos viventes

Dos seres prudentes. Somos penitentes  
Figuras carentes de intenções, valentes  
Meninos querendo certezas decentes.

## UM DIA NO CAIXÃO

Ali estirado um dia no caixão também  
Estarás. Viverás então o teu momento  
De compreensão da ressurreição, porém  
Sentirás o peso íntimo do movimento

Da lágrima daqueles que te amam e querem  
Teu bem. A morte é irmã de todo sentimento,  
Nela redescobrimos a luz dos que aderem  
À claridade dos seus espíritos, vento

Que sopra em qualquer meio polido nos medos  
E assombrações da vida. Nosso entendimento  
A respeito de nós mesmos é escasso, lento

Abrir de olhos, no acaso, unidos pelos dedos  
Do infinito. Num sonho estamos, percorremos  
Sem pensar esses vãos em que, aos poucos, morremos.

## É NAS INCERTEZAS

É nas incertezas que construímos nossos  
Castelos de riscos e degredos, fossos  
Profundos abertos nas coisas. Insossos  
Tormentos nos prendem em torno dos ossos

Do ofício do dia-a-dia. Nos nervosos  
Tons das mentes cíclicas temos gasosos  
Silêncios que se expandem como pastosos  
Olhares vazios, que, metuculosos,

Descobrem sozinhos a útil lucidez  
Dos gritos difusos dados por gargantas  
Tenazes. Recantos no ser têm a tez

Das faces modestas, uma morbidez  
Que agita os instantes procurando as tantas  
Visões curvas e retas da sensatez.

## O AMOR HUMANO

O amor humano não me convence, ao contrário,  
Sufoca-me, constrói em meu ser um rosário  
De inquietações e angústias sem sentido.  
Especulando nas desmotivações, sigo

Fantasiado de ninguém, morro no estágio  
Que nem cheguei a alçar, traço, num tom hilário,  
A face dos palhaços soltos no renhido  
Sistema das tolices de um mundo a perigo,

Sucumbido nos sons vazios das mentiras  
A pureza anda longe de todos, em nós  
Os espaços reciclam enfiados dós

Atrapalhados. Velhas razões contêm sátiras  
A respeito de nós mesmos, loucos contextos  
Envolvidos com a riqueza dos pretextos.

## DEIXOU-SE

Deixou-se envolver pelos seus próprios sonhos,  
Viveu a ilusão dos seres enfadados  
Com a vida que respiram, transformados  
Pela íntima essência dos rostos risonhos.

Achou-se confuso diante das fugas  
A que, solitário, se submeteu. Vastas  
Visões viscerais descobriram-no em gastas  
Ações sem nenhuma graça. Nas verrugas

Da alma, ele sentiu os calombos das peles  
Sozinhas, a química das incertezas  
De um mundo difícil de se viver, reles

Mortal atrelado aos intuitos imbeles  
Das faces roídas pelas sutilezas  
Das mentes de lados incertos, isósceles.



## CHÃOS SUJOS

Chãos sujos de nossa morada corpórea  
Absorvem a incerta razão dos monturos  
Da alma, órfã senhora de força marmórea.  
Nas vísceras dos estômagos impuros

De se alimentarem na estrutura térrea  
Do nada renasce o dissabor dos urros  
Das tripas. É nas cores da dor férrea  
Que estúpidos seres humanos são burros

Sinais de que nós jamais evoluímos,  
Ou seja, vivemos podres como os limos  
Dos fósseis dos homens maus. Reconstruímos

A cada momento os pós dos sonhos vivos  
De essências confusas. Estamos nos crivos  
Dos rosto disperso em atos incisivos

## MORREU

Morreu entregue aos instantes, percebeu,  
A trinta segundos de seu fim, a vida  
De todas as coisas. Ainda pensou  
Na dor humana e, rápido, procurou

Sentir o aroma ermo do lar que o acolheu  
Durante quarenta anos, numa partida  
Visão distraída. Viveu e acabou  
Sabendo que tudo engana, renovou

Em si as percepções de quem desaprendeu  
A ser gente num ritmo único. Na pálida  
Figura, que o sonho transformou, morou

A essência do torto corpo cujo breu  
Detinha as angústias de uma alma polida  
Nos males de alguém atado ao que o matou.

## REPARTIRAM-NO

As coisas repartiram-no muito, feriram-no  
Muito mais, conduziram-no pelas estradas  
Silenciosas dos descaminhos. Sentiram-no  
Sozinho, desolado, assombrado por fadas

Inexistentes cujos condões induziram-no  
A ser quem nunca foi. Ilhado em estragadas  
Intenções, situou-se nos ermos. Abriram-no  
Aos senões do universo nas desmioladas

Sensações ajustadas às razões humanas.  
Atitudes voláteis, quase sempre insanas,  
Nele estabeleceram verdades tiranas.

Desconheceu-se tanto que reencontrou  
Nas fugas os lugares que um dia passou  
Atrás da alta verdade de onde ele brotou.

## ALVOROÇOS

Alvoroços na alma unem-te ao teu solitário  
Desgaste interior, moldam-te nas paredes  
Das casas sem ninguém para residir nelas.  
Existe nos humanos certas manivelas

Estomacais que giram no compasso hilário  
Das barrigas vazias de idéias e sedes  
Superiores. Rastros no brilho das telas  
De *Francis Bacon* nos fundem às aquarelas

Pintadas pelas mãos dos destinos cansados  
De existirem. É nos espantos que encontramos  
Nossas misteriosas percepções acesas

Pelos instintos das chamas dos elevados  
Espíritos entregues aos sonhos que amamos  
Numa rara noção de atitudes coesas.

## A VIDA DESTRÓI

A vida destrói nossa pureza, mata  
As matas do mundo na avareza ingrata  
Do humano sinal de riqueza. Abstrata  
Sombra ávida por uma luz doce, exata,

Minha alma percebe as texturas instáveis  
Do opaco sorriso das faces duráveis.  
É nas ilusões que encontramos afáveis  
Porções de silêncios não comunicáveis

Com os infinitos dos espaços ralos  
De amor. Vícios vêm os sujos estalos  
Dos dedos da dor que contêm os embalos

De algumas razões frágeis, desajustadas  
Pela ímpia atenção dos mundos em paradas  
Ações ruminando, ermas, pelas estradas.

## NÃO SE CONHECIA

Não se conhecia mais. Acabrunhado,  
Notou-se arredio de tudo, tragado  
Por sonhos largados no teatro alado  
Da vida. Sorveu o aroma oxigenado

De suas verdades com monotonia,  
Tentou construir em si a leve alegria  
Do ser indeciso diante da vária  
Visão que aprofunda toda nostalgia

Perdida nos passos tortos dos destinos  
Sozinhos, a frente de seu tempo em finos  
Desgostos movidos pelos paladinos

Meninos traquinos, anjinhos doentes  
Que trazem na alma as forças polivalentes  
Dos corpos sem órgãos, apenas com dentes.

## VIVEU

Viveu perdido nas montanhas procurando  
Aromas, sutilezas nos despenhadeiros  
Da alma. De árvore em árvore, viu os canteiros  
Das inquietações suas, chorou amando

As pedras, flores, frutos, animais que andando  
Ao seu lado não tinham os passos matreiros  
Da ferocidade única de alguns arteiros  
Humanos violentos, sem onde nem quando.

Nadou em lagos, rios, riachos, cantando  
A derradeira música dos passarinhos  
Soltos na imensidão, naturais vizinhos

Da beleza maior que ele vinha explorando  
Com entusiasmo ávido, dedicação  
Que o elevou e o deixou pleno de convicção.

## A MIM

A mim só resta o silêncio dos vazios  
Do mundo, esquecer os fantasmas antigos,  
Compor as doídas sensações colhidas,  
À toa, nos fluxos noturnos dos ócios.

Espero, calado e indefeso, por dias  
Melhores pra todos nós, tolas fadigas  
Difusas, meninos desaparecidos  
De suas velozes sombras refratárias.

Deslizo sobre os instantes, verifico  
No tempo a visão que me une ao esporádico  
Apelo do espírito entregue ao som lúdico

Dos toques confusos das mãos em que a música  
Flui num ritmo cíclico vindo na lírica  
Intrusa de alguns movimentos sem mímica.

## MORREU

Morreu de solidão, viveu a dor dos falhos,  
A percepção de quem jamais terá agasalhos  
Na alma, a fuga dos homens tolos, espantelhos  
De seus muitos segredos presos aos orvalhos

Das manhãs carrancudas, porém caroáveis.  
A vida traduziu-o nas fugas instáveis  
De um ser voltado para as visões imprestáveis,  
Contaminado pelos soluços amáveis

Dos rostos abissais, plurais, visceralmente  
Entregues à beleza do instante corrente.  
Há nas coisas um lado sujo, decadente,

Fluindo em concepções inumanas, insanas,  
Fulanas de tal dor que nos congregam, manas  
De nossas correrias, nas formas mundanas.

## APENAS

Apenas sentia em si a força de quem  
Jamais se uniria às mentiras confusas  
De seu eu, calado e frágil como a nuvem  
Que segue por rumos longínquos, fuligem

Passando sozinha a frente do olho sem  
Visão dos destinos atados a intrusas  
Demências, cegueiras vindas na penugem  
Dos seres que nunca morrem, sobrevivem

A impactos e a negros instantes funestos  
Que se enlaçam num compasso de suspeitos  
Intuitos movidos pelos toscos restos

De toda agonia. Queria a ternura  
Dos loucos, a lúdica ação dos perfeitos,  
Os traços dos passos no chão da alma escura.

## RECRIAR

Recriar nos instantes a lucidez que  
Não possuis, a fuga íntima da minha psique  
Sempre desgovernada através dos intuítos  
Das mentes consumidas em curto-circuitos

Cerebrais elevados. No tempo colhemos  
As rosas tristes do jardim que nem sabemos  
Se existe em nós, a dor total desses espaços  
Fechados às visões modestas dos mormaços

Das coisas solitárias. Em perplexidade  
Estamos ante nossa velha seboseira  
Espiritual, temos sentido uma arteira

Necessidade de encontrarmos a verdade  
E os porquês de tudo nesses corações  
Frágeis que nos mantêm em torno de ilusões.

## PEÇA MORTA

Foi peça morta na engrenagem poluída  
Do mundo, conheceu, sem nenhuma demora,  
Todas as falsidades humanas. Outrora  
Existiu nele um lúcido amor de quem chora

Procurando nas coisas a lágrima tímida  
Dos olhos divididos pela nostalgia  
Das cores que desfilam na melancolia  
Dos momentos completos de nada. Na azia

Dos corpos sem estômagos temos a lívida  
Movimentação das vísceras num conciso  
Bailado de quenturas desiguais, o riso

Mentiroso dos homens dispersos na vida,  
A dor conflituosa que deixa sinais  
De desarmonia em quaisquer seres reais.

## AMARGURAS

Nas tuas amarguras sabes que és os pés  
Da solidão andando por caminhos rudes,  
Os abraços dos braços nadando em açudes  
De ilusões, fartos partos de barrigas rés,

Sujas corujas rindo na dor de um olhar  
Morto, porto de onde ímpios marujos sombrios  
Partem como meninos tortos, solitários,  
Na busca de seus tolos tesouros no mar

De dolos e consolos diversos. Teus ouros  
Espirituais brilham na dor dos estouros  
Do ser, nos ais vitais das vidas divididas

Por conceitos estreitos. Tens trens trafegando  
Nos brilhos desses trilhos que estão flutuando  
Sobre a podre razão das coisas desunidas.

## NADA EM NÓS

Nada em nós indica melhoria, podres  
Humanos bebendo o vinho da vida, de odres  
Furados, em copos-de-vidro quebrados.  
Mantemos no espírito os goles gelados

Dos pólos antárticos nos universos  
Que giram numa ébria rotação de versos  
Regados à pura cachaça das canas  
Colhidas nos solos bons das umburanas

De cheiro. Nós que não desatam amarram  
Incertas angústias aos corpos doentes  
De tanto buscar em vão pelos silentes

Anseios dotados de medos que escarram  
Em nossa impureza gritante, fluentes  
Sinais de que estamos no pó das vertentes.

## SOU

Sou muitas e muitas dores presas aos  
Maus tons abissais de mim mesmo. No caos  
Estou imerso, ávido por descobrir-me,  
Mas sei que essa minha emoção de unir-me

Aos meus desesperos esvazia o espírito  
Num ritmo doído e fenomenal, grito  
Disperso nas coisas insossas. Procuro  
Nas fúteis ações os passos do futuro,

A luz que porá em meus olhos um sombrio  
Intento repleto de situações  
Escuras. Estou no caminhar vazio

Dos pés da alma nas estradas sem sinais  
Da vida, rondo as casas das sensações  
Com a vela acesa e amando os temporais.

## FICASTE SÓ

Ficaste só. Todos partiram no vento  
De suas perdidas esperanças. Lento,  
Sentiste o peso e o agito avassalador  
Dos corpos de espíritos frágeis. A dor

Moldou-te nos passos amargos, estragos  
Díficeis de serem consertados, gagos  
Sinais diluídos em bocas sedentas  
De sons sem fonemas. Impróprias tormentas

Congelam teus mares, salgam a vivência  
Dos dias de farta desilusão. Vastas  
Nuances de um tempo cheio de contundência,

Afligem-te, tornam-te algum desespero  
Na face de alguém com intenções nefastas,  
Querendo o cheiro de qualquer tempero.



## ALGO

Algo inesperado em ti torna as coisas ávidas  
Por silêncios, desmembram os pensamentos,  
Recriam nos intentos compactas falidas  
Pressuposições. És fortes isolamentos,

Passos que ninguém nunca deu nessas vielas  
Habitadas apenas pelos ecos secos  
Das madrugadas onde se ouvem as balelas  
Da vida angustiada que torna os bonecos

Da alma cada vez mais tímidos, solitários.  
Na teatralidade do mundo há uma dor  
Nos olhos do palhaço que somos nós mesmos,

Vazios tão imensos como esses aquários  
Sem peixes. É no lodo do interior  
Espiritual das coisas que estão os esmos.

## HUMANAS EXISTÊNCIAS

Humanas existências possuem incertas  
Inconseqüências, vias fechadas e abertas  
Às dúvidas que as põem como almas desertas,  
Desalinhadas vítimas dessas esperas

Eternas por momentos mais do que perfeitos.  
Dores recriam no tempo vivos conceitos,  
A respeito das vidas plenas de defeitos,  
Arquitetados no silêncio das quimeras

Divididas pelo íntimo amor das ofertas  
Do coração, senhor de batidas espertas,  
Espalhando no ser sangue em veias sinceras

Que passeiam, totais, num corpo atado a estreitos  
Espaços de funções vinculadas aos eitos  
De nossas podridões amigas das moneras.

## BATALHAS

Guardo em mim a dor de inúmeras batalhas  
Travadas à luz do desconsolo tolo  
Que a tudo traduz num ávido rebolo  
De pedras jogadas em minhas vãs falhas.

Sou fruto do eterno, desconheço as malhas  
Que me prendem ao contaminado dolo  
Das muitas e más atitudes, num rolo  
Vital, compressor, vinculado às migalhas

Elétricas dos meus desejos sucintos.  
Indícios porosos redescobrem tintos  
Caminhos abertos nas profundidades,

Limites coesos então disfarçados  
De velhas mentiras, saltos controlados  
Por rudes diálogos de altas verdades.

## DIFÍCIL SUPORTAR

Difícil suportar o inevitável, crer  
Na vida assim como ela é, perceber o difuso  
Sorriso disfarçado por uma maldade  
Que destrói sentimentos seguros, maduros.

Nos corações vibrantes há o frágil querer  
Que busca viajar no silêncio obtuso  
Dos cansaços vorazes. Na instantaneidade  
De nossas percepções recriam-se os futuros

Dos presentes ilhados por tristes passados  
De sonhos cheios de espiritualidade.  
Estamos regulados pela obscuridade

Circunstancial das coisas de desgastados  
Intuitos irreais, pelos conhecimentos  
Que nos mantêm polidos, vivos de argumentos.

## LABIRINTOS

Todo homem procura-se nos labirintos  
De si mesmo e sente que incertos instintos  
Norteiam-no. Passos agudos, distintos,  
Conduzem-no pelos segredos extintos

Na sua alma torpe. Silêncios ausentes  
Perturbam-no, soltam-no nos decadentes  
Impulsos, retocam imagens dementes  
Que se unem aos seus sonhos incoerentes.

Doente de medo, perambula, tonto,  
Travando um confuso, místico, confronto  
Intrínseco que nunca o deixará pronto

Para a vida. A morte chegará num dia  
Qualquer refazendo a oca melancolia  
Daquelas manhãs onde tudo é só empáfia.

## LÁBIOS MUDOS

A verdade dos teus lábios mudos desune-me,  
Encarcera-me no silêncio das esquinas  
Esquecidas do tempo. Vens de cristalinas  
Sensações estagnadas nas mortas retinas

Dos olhares litúrgicos. Tudo em ti pune-me,  
Dilacera-me, põe-me mal, de encontro às finas  
Concepções de perdão que seguem por surdinas  
Penasas. Tenho nas entranhas vivas minas

De amor que necessitam ser reexploradas  
Constantemente, laços da paz de cansadas  
Investigações quase sempre buriladas

À luz dos passos firmes dos pés das crianças  
Que se encontram consigo mesmas em bonanças  
Cheias do calor vívido das esperanças.

## AMOU TANTO

Amou tanto sua própria solidão  
Que se viu em toda doçura serena,  
Na paz que congrega os instintos na amena  
Visão infinita. Nada quis a não

Ser o humilde som de toda paciência,  
A viva canção na qual compreendemos  
A essência vital do amor que mantemos  
Em nossos espíritos numa cadência

Humilde, fraterna, eterna, interna, externa.  
Buscou-se nos sonhos decodificados  
No toque sutil da ilusão hodierna,

Na voz solta nas montanhas ecoando  
Num ritmo translúcido de modelados  
Sorrisos tão limpos como o vento brando.

## NO FUNDO DE NÓS

No fundo de nós adormece o infinito  
De todo silêncio profundo, regatos  
Onde águas vão e vêm num impulso cíclico,  
Serenos, de mãos tocando no conflito

Contínuo de nós mesmos. Ainda não  
Podemos dormir o sono dos sensatos,  
Ouvir a beleza do lado pudico  
Dos sons de distâncias longínquas. Na mão

Do tempo a verdade anda pelos caminhos  
Traçados à custa de alguns desalinhos  
Que deixam a alma em um ritmo de agonias,

Espantos. Crescemos errando e erraremos  
Até nos acharmos como gente, temos  
Que, logo, aprender, pois se passam os dias.

## A DOR LAPIDA

A dor lapida os bons pensamentos, conduz  
A vida por caminhos muito solitários.  
Somos navegadores cujos sonhos, vários,  
Tocam na órbita triste do ato que reluz

No infinito. Nascemos do ermo que traduz  
Em nós a obviedade das loucuras, ócios  
Doentios refeitos nesses vaticínios  
Polidos com a idéia vinda sempre à luz

Dos acontecimentos anormais, vitais.  
Perambulamos por estradas sem sinais,  
Vias reconstruídas pela ação voraz

Das células perplexas diante dos mais  
Variados momentos de maldade, tais  
Quais incertos sorrisos sem nenhuma paz.

## QUANDO ACORDOU

Quando acordou dormia nos próprios segredos,  
Perambulava por seu ser como rochedos  
Em mares de cor não definida. Colheu,  
No que via e no que não via, as rosas secas

Da solidão dos pastos, o aroma sonoro  
Dos pássaros que voam soltos no inodoro  
Sabor das frutas que ninguém nunca comeu.  
Duvidou das quimeras, mas percebeu, nas mecas

Utópicas de suas insatisfações,  
Os deslizos grosseiros de um espírito onde  
A dor precipitou-o nos trilhos sem bonde

Dessas estradas-de-ferro podres. Tensões  
Transformaram-no, certas agruras tornaram-no  
Só, homem de ocos internos fortes, destreinaram-no.

## LONGE

Longe é o perto que não se pode chegar,  
Estradas que nunca estamos a passar,  
Silêncios agudos vindo nos crepúsculos  
Dos sonhos estáveis. Sou velhos maiúsculos

Intentos jogados nessas concepções  
Matreiras, conceitos de uma solidão  
Total, abissal, desigual. O quão  
Navego na dor nem sei medir, ações

Ajustam-me aos elos de todo infinito.  
Há em mim miragens ternas, claros enigmas  
Abrindo os mistérios das portas do espírito

Aflito. Rugidos ancestrais, mnemônicos,  
Constroem conflitos, diversos estigmas  
Reais demais para os corações afônicos.

## TORMENTOS

Dos muitos tormentos que o impacientaram,  
Da dor que fluiu pelos contextos rudes,  
De algumas vitais notas nos alaúdes  
Do tempo, vê-se só agora. Mataram

Saudades e intentos nele, esfacelaram  
Silêncios, deixaram-no como ataúdes  
Fechados guardando os passos e atitudes  
De alguém solto em suas visões. Calaram

Seus sábios instintos, o modificarm  
Por nada. Bailou no ocaso das virtudes,  
Reviu no caos próprio vis necessidades

Reais trafegando pelos sons que acharam  
A força dos ecos perdidos em grudes  
Unidos à tez suja de inquietudes.

## PASSOS

Dos passos que nunca deu sobre os caminhos  
Da inútil noção de si mesmo, tornou-se  
Amargo e sincero. Perdeu-se, remontou-se  
Inúmeras vezes, viu-se em desalinhos

Eternos tentando encontrar os vestígios  
Impuros das coisas no caos escondidas.  
Manteve-se louco agregando incontidas  
Visões meio turvas, morando em hospícios

Imundos, vitais espiritualmente.  
Nas dúvidas teve a intranquã certeza  
Roubada da súbita sensação rente

Às vis agonias de uma alma doente.  
Ausente dos rumos, presente na reza  
Cantada por vozes limpas, fez-se urente.

## PRISIONEIRO

Prisioneiro do que não sabes o que é,  
Te sentes dominado por vazios frios,  
Lírios desagrupados em cores sem fé.  
Divagas no silêncio dos passos macios,

Na força dos pés cujos calcanhars têm  
Vínculos com a dor de Aquiles. Arquitetas  
Na alma a reconstrução dos dias que contêm  
A expansão das essências dos homens ascetas

Neste mundo e em quaisquer outros mundos. Inteiras  
Razões fracionadas pelas corriqueiras  
Ações dos corações frágeis possuem eiras

E beiras espalhadas nas estradas vagas,  
Nos rios cujas águas se encontram nas plagas  
Dos mares de profundas ondas aziagas.

## ÍNDICE

BIBLIOGRAFIA .....	07
DE POETA PARA POETA (I).....	09
DE POETA PARA POETA (II).....	10
APRESENTAÇÃO .....	11
A ALQUIMIA DO IMPRECISO.....	13
NÃO ADIANTA(12) .....	15
PASSOS(11) .....	16
CONSTATAÇÃO(12) .....	17
LONGE(11) .....	18
ERA(12) .....	19
A DOR LAPIDA(12) .....	20
O MEDO DAS COISAS(11).....	21
AMOU TANTO(11) .....	22
INSTÁVEIS(12) .....	23
LABIRINTOS(11) .....	24
CONFLITOS CONTÍNUOS(11).....	25
BATALHAS(11) .....	26
NÃO FIQUEI(12) .....	27
ALGO(12) .....	28
LADO NEGRO(12) .....	29
SOU(11) .....	30
O ESCURO DAS COISAS(11).....	31
AMARGURAS(12) .....	32
CANSADO(12) .....	33
RECRIAR(12) .....	34
POR SER(11) .....	35
MORREU(12) .....	36
A VIDA(11) .....	37
UNIVERSOS SOZINHOS(12).....	38
TOCASTE(12) .....	39
VIVEU(12) .....	40
CALOU-SE(11) .....	41
A VIDA DESTRÓI(11).....	42
ESTAMOS PERDIDOS(11).....	43



“DORES-DE-CABEÇA”

Dores-de-cabeça deixaram-no sem  
Cabeça nem  
Espírito. Alguém  
O viu cansado, aquém  
De suas percepções e silêncios. No vem

E vai da vida perdeu-se  
Inteira, comoveu-se  
Consigo mesmo, corroe-se  
Tanto que morreu. Escondeu-se  
Do mundo, encheu-se

De impaciência  
E incoerência.

Dividido, estarecido diante  
De sua falta de sobriedade, tornou-se errante.

Perceba que na construção do poema eu optei pela forma livre com as rimas feitas nas formas aaaaa/bbbbb/cc/dd. Quando eu for lançar o livro com esta forma de soneto intitulado *Soluços e Convicções* tentarei expor em duzentos sonetos, metrificados ou não, esta nova forma de criação. Voltando a *A Alquimia do Impreciso* coloquei no índice, entre parênteses, ao lado dos títulos do poema, a quantidade de sílabas da cada soneto que, com certeza, ajudará ao leitor interessado em mergulhar com mais profundidade em cada verso no sentido do mesmo enxergar com clareza a composição silábica dos sonetos. Nos versos de doze sílabas a sexta e a décima-segunda sílabas são tônicas, temos então sonetos compostos por versos alexandrinos. Nos versos de onze sílabas a segunda, quinta e décima-primeira sílabas são tônicas. Cabe ao leitor, agora, verificar se a qualidade dos textos tem o valor que eu penso que tem.

*O Autor*

É NAS INCERTEZAS(11).....	79
DESERTO(12) .....	80
DEIXOU-SE(11) .....	81
DISTRIBUO-ME(12) .....	82
MORREU(11) .....	83
RELÓGIOS(11) .....	84
ALVOROÇOS(12) .....	85
PROFUNDIDADES(12).....	86
NÃO SE CONHECIA(11).....	87
PRA TODO O SEMPRE E SEMPRE(11).....	88
A MIM(11) .....	89
PÉ ANTE PÉ(12) .....	90
PROCURAVA(12) .....	91
EXILADO(12) .....	92
APENAS(11) .....	93
AQUELA VOZ(12) .....	94
PEÇA MORTA(12) .....	95
INCONHOS(12) .....	96
NADA EM NÓS(11) .....	97
ASSIM É A VIDA(12) .....	98
FICASTE SÓ(11) .....	99
SOMBRAS(12) .....	100
HUMANAS EXISTÊNCIAS(12).....	101
FICOU MALUCO(11) .....	102
DIFÍCIL SUPORTAR(12).....	103
CRIOU-SE(11) .....	104
LÁBIOS MUDOS(12) .....	105
HÁ UM VÁCUO(11) .....	106
NO FUNDO DE NÓS(11).....	107
FINAL-DE-TARDE(12).....	108
QUANDO ACORDOU(12).....	109
NESTE TÚMULO(11) .....	110
TORMENTOS(11) .....	111
DE TANTO INSISTIR(11).....	112
PRISIONEIRO(12) .....	113
É NOS ESPELHOS(12).....	114

## DE POETA PARA POETA(II)

Prezado Aroldo Ferreira Leão,

... Me identifico com a sua pessoa. De longa data escrevo e pretendo lançar o meu livro de poesias. Depois de contos e crônicas e finalmente romance. Inclusive um romance onde na terceira parte é ambientado em Petrolina... Não sei o que vai pensar a meu respeito. A razão de lhe escrever também é que gostaria de oferecer a minha amizade. Se você se der ao trabalho de me conhecer melhor verá que encontrou mais um amigo. Acredito no que sou, escrevo e faço. Por isso resolvi lhe escrever... Se em mim não houvesse princípios, valores e sinceridade não me atreveria a lhe escrever. Sou uma pessoa íntegra que acredita em sonhos, que esse mundo pode se tornar digno de ser vivido. Espero que acredite em mim e que um dia se torne realmente meu amigo.

*Alberto Mota  
Recife/PE*

Estas linhas são tortas mas o sentimento é reto e puro. Encho o vazio que tenta instalar-se(em vão) dentro de mim e bebo uma três cervejas antes do almoço pra “enxergar” um pouco mais além da embriaguez. Mando fraternais palavras de beleza para a querida “iluminada” em alegria, tua “princesa de delicadeza e sensibilidade maravilhosas”, esta que singelamente tornou-se companheira desse teu ser poético, Corrinha Cordeiro Ferreira e Ferreira Leão. Que Deus os abençoe!!... Envio abraços saudosos pra Rafael e Ludi, diga que eu não os esqueci e que eles sejam felizes e brinquem muito, além de estudar e conquistar a América. Aroldo, você tem ido as livrarias, viu algum livro original dos *beatniks* e foi ver cinema e teatro? Como são os bares de Atlanta? A música *pop* é empolgante no sul dos Estados Unidos e rola muito *blues* e *jazz* na Geórgia? As pessoas compram pães às seis da tarde e vão à feira livre todos os sábados? Estas e outras respostas no próximo capítulo da “Correspondência dos Poetas”!! Um grande abraço!!!

*Luiz Hélio  
Petrolina/PE*

## II. Antologias

- a) *Novos Poetas no Rio Grande do Norte*,  
Fundação José Augusto  
Gráfica Manimbu, Natal/RN, 1990;
- b) *Um dia A Poesia*, Ayres Marques  
Gráfica Santa Maria, Natal/RN, 1996;
- c) *Poética Ribeirinha*,  
Antologia Literária de Petrolina - 1995,  
Elisabet Gonçalves Moreira  
Universidade de Pernambuco, Recife/PE, 1998;
- d) *Opúsculo do Conselho do Clube dos Escritores Piracicaba*,  
C.N. Editora, Piracicaba/SP, 1998;
- e) *I Antologia Nau Literária*,  
Editora Komedi, Campinas/SP, 1999;
- f) *Dicionário Biobliográfico de Escritores Brasileiros  
Contemporâneos*, Adrião Neto  
Edições Geração 70, Teresina/PI, 1999;
- g) *Escritores Brasileiro Contemporâneos em Prosa e Verso*,  
Adrião Neto  
Edições Geração 70, Teresina/PI, 1999.

## III. LIVROS A PUBLICAR

- a) Silêncios Atemporais (Crônicas)
- b) O Quarto de Teobaldo (Conto-Romance)
- c) O Incerto Tom das Quimeras (Crônicas)

de um concurso literário realizado em 1989 em Natal/RN; *Um Dia a Poesia*, 1996, livro e vídeo, organizados por Ayres Marques em Natal/RN; *Poética Ribeirinha- Antologia Literária de Petrolina-1995, 1998*, livro organizado por Elisabet Gonçalves Moreira em Petrolina/PE; *Coletânea do Conselho do Clube dos Escritores Piracicaba, 1998*, organizado pelo próprio Clube junto à C. N. Editoria em Piracicaba/SP; *I Antologia Nau Literária, 1999*, organizada pela Editora Komedi com vários escritores brasileiros; *Dicionário Biobliográfico de Escritores Brasileiros Contemporâneos, 1999*, organizado por Adrião Neto em Teresina/PI e *Coletânea de Escritores Brasileiros em Prosa e Verso, 1999*, também organizado por Adrião Neto. Aroldo também escreve contos, romances, textos para teatro. O poeta possui um acervo com mais de 400 canções de sua própria autoria, nos estilos mais variados, passando pelo forró, samba, rock e já se prepara para este ano lançar seu primeiro CD intitulado *Sacolejos e Manejos*, uma coletânea com 14 forrós que buscam dinamizar e melhorar o conceito desta espécie de música no país. Atualmente, Aroldo desempenha a função de Auditor Fiscal na Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia, em Juazeiro/BA, desde março de 1994 após conseguir aprovação em concurso público realizado em outubro de 1993. A partir de outubro de 1998 passou a fazer parte do Conselho Acadêmico do *Clube dos Escritores Piracicaba*, ocupando a cadeira de nº30 que tem como patrono o poeta Brasília Machado.

*Alma que sofres pavorosamente  
A dor de seres privilegiada  
Abandona o teu pranto, sê contente.  
Antes que o horror da solidão te invada.*

VINÍCIUS DE MORAES

*É a verdade o que assombra  
O descaso o que condena  
A estupidez o que destrói  
Eu vejo tudo o que se foi  
E o que não existe mais*

RENATORUSSO

*De tanto amar a vida, enlouqueci.*

MIGUEL TORGA

*Sob o pudor da morte os membros seus inermes  
Têm de ser fatalmente o pábulo dos vermes.*

RAIMUNDO CORRÊA

## INFORMAÇÕES INTERESSANTES

- \* Dio Fonseca é designer;
- \* Agliberto Bezerra é poeta;
- \* Alberto Mota é poeta e romancista;
- \* Luiz Hélio é poeta e editor cultural;
- \* O Sebo Rebuliço é o maior ponto de encontro de artistas da região Petrolina / Juazeiro;
- \* O Clube dos Escritores de Piracicaba é uma entidade literária que engloba escritores de todas as partes do país e, inclusive, do exterior. Aroldo Ferreira Leão pertence ao Conselho Acadêmico ocupando a cadeira de nº 30 que tem como patrono o poeta Brasília Machado;
- \* O número entre parênteses, logo após os títulos dos poemas no índice, indica a quantidade de sílabas de cada poema. Se alexandrino, versos com doze sílabas ou dodecassilábico. Se undecassilábico, versos com onze sílabas.

CIP - Brasil. Catalogação-na-Fonte  
Câmara Brasileira do Livro, SP

869.1

L438a LEÃO, Aroldo Ferreira, 1967 -

A Alquimia do Impreciso / Aroldo Ferreira Leão -  
Petrolina: Gráfica Mandacaru, 2000.

124p;il.,(Biblioteca da Fac. de Form. de  
Professores de Petrolina / PE; Poesia, 10)

1. Poesia Brasileira. I. Título.

MGBS-BFFPP

CDD-869.1

CDU-869.0(81)1

ISBN 00-0001

Índice para Catálogo Sistemático

1.Poesia: Século 20: Literatura Brasileira 869.1

2.Século 20: Poesia: Literatura Brasileira 869.1

**PROJETO GRÁFICO  
DIAGRAMAÇÃO  
ARTE FINAL  
ILUSTRAÇÃO DA CAPA**

Talentos Strategic Marketing  
Dio Fonseca - designer  
Fones: (0\*\*74) 811 3703  
(0\*\*74) 9997 8607

**IMPRESSÃO**

Gráfica Mandacaru  
Rua São Vicente de Paula, 119  
Centro - Petrolina - PE  
Fonefax: (0\*\*81) 861 1761  
(0\*\*81) 862 1256

**LANÇAMENTO**

Clube dos Escritores Piracicaba  
Rua Jacob Diehl, 77  
Fonefax: (0\*\*19) 433 8568  
Piracicaba - SP

**COPYRIGHT©AROLDO FERREIRA LEÃO**

Impresso no Brasil - 2000